



Sofia Leão
"The Crystal Cabinet",
 2008
 Espuma e espelho
 105 x 125 x 9 cm
 Cessão do artista

sistemático institucionalizado, enquanto expõe o prazer sensual transmitido pela desordem. A dupla João Maria Gusmão + Pedro Paiva (Galeria Graça Brandão, Lisboa e Porto) obrigam-nos frequentemente a movimentar-nos por entre as suas obras como um exercício antropocêntrico. Nomeadamente, nos filmes em 16mm quase-arqueológicos espalhados no espaço, onde, como participantes-observadores, somos obrigados a vaguear por entre diversas representações do mundo natural. Alternadamente, somos e estamos inseridos na imagem através da ausência da própria imagem, mas como sombras. Obras como, *Acerca do espírito da gravidade ou As Cobras fossilizadas*, 2007 [€6.960] remetem-nos para testemunhas físicas, manifestações da nossa contínua presença na história.

Com formas mais exuberantes, Sofia Leão (Paredes, 1977) produz objectos que sugerem vistas sobre os limites e essências do espaço no seu todo. *The Crystal Cabinet* [€2.700], peça concebida este ano pela artista, indicia o reflexo sobre a noção de exibição, na dualidade entre o místico, o

contemplativo e o terreno; e a reflexão, em como esta condição afecta a nossa maneira de ver um objecto no espaço, na exploração das motivações psicológicas que determinam hábitos (a artista é representada pelas galerias MCO – Arte Contemporânea, no Porto, e Caroline Pagès, em Lisboa). Ao interpretar de forma visual os diferentes estudos sobre a realidade representados na literatura, cinema, teatro, ou na história, etc, André Gomes (Lisboa, 1951. Baginski) privilegia a argumentação sobre o sujeito, a identidade e o seu posicionamento relacional. O seu método de trabalho delineia-se no colecção e agenciamento de objectos de uso diário, na composição fragmentada e na confrontação de imagens para criar diálogos formais. O recurso ao distanciamento inseparável da tecnicidade fotográfica como mecanismo imobilizador de instantes permite captar, extorquir momentos únicos da realidade [€7.500 (conjunto de 4)].

"A casa

Há momentos que a inutilidade dos dias entra no espírito com uma força atroz. São

sensações em que a passagem dos minutos se convertem no desejo de mudar a vida, de deixar de ser a totalidade do que se é.

A casa torna-se o refúgio geralmente escolhido para se pensar sobre si próprio, para se organizar da melhor forma possível as escolhas pessoais. [...]

A rua

A sensação de indiferença sobre si próprio e o peso consciente de inutilidade é comparável à rotina quotidiana..."

Ana Rute de Medeiros

Enquanto Ana Rute de Medeiros (Lisboa, 1982. Anthobler, Porto) procura a poesia no quotidiano, na "cor cinza das pedras e do cimento, [n]o cair das folhas das árvores," vai beber aos mesmos ritmos diários e espaços que envolvem e identificam a identidade nacional, as pinturas elaboradas por José Laurence (Lisboa, 1975) servem-se de elementos do quotidiano urbano, como estradas ou viadutos, fachadas de edifícios ou